

SIMPÓSIO AT163

VOCÊ NÃO SABE O QUANTO EU CAMINHEI PARA CHEGAR ATÉ AQUI: PENSANDO A AVALIAÇÃO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA

SILVA, Andressa Veniz da
Universidade Federal Fluminense (UFF)
E-mail.: dessa.veniz@gmail.com

Resumo: Esse trabalho apresenta uma pesquisa realizada sobre sucesso, fracasso e avaliação no 3º ano do Ciclo de Alfabetização na Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, localizada em Imbariê na Rede de Educação da Prefeitura de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Construí um breve histórico sobre a implementação do Ciclo de Alfabetização no Brasil e em Duque de Caxias. Refleti sobre a avaliação neste tipo de sistema educacional e dentro da escola em que pesquiso, pois o que me impulsionou neste trabalho foi observar que existiam na minha escola, professores que tinham concepções seriadas no ciclo, onde esperavam encontrar turmas homogêneas. Procurei dialogar com as crianças de duas turmas do 3º ano do Ciclo de Alfabetização da minha escola o que elas dizem sobre avaliação, fracasso/sucesso escolar e o como elas veem a escola. “A autossuficiência é incompatível com o diálogo” (FREIRE, 2013, p. 112). Com Andréa Serpa, Maria Teresa Esteban, Andréa Fetzner, Paulo Freire, outras e outros autores fui tecendo a teoria com a prática vivida no Cotidiano com as crianças das classes populares. É no diálogo com o outro que me construo e reconstruo como Professora Alfabetizadora, onde a escola é o espaço dialógico que traz novas teias e caminhos possíveis. Nesse lugar de encontro proponho a todos a deixarem de ver as crianças das classes populares a partir de um olhar de hierarquia, impossibilidade e não-saber. Que nossos olhares produzam sucesso, e não fracasso.

Palavras-chave: Ciclo; Alfabetização; Avaliação; Classe Popular;

Abstract: This work presents a research about success, failure and evaluation in the 3rd year of the Literacy Cycle in the Municipal School Teacher Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, located in Imbariê in the Education Network of Duque de Caxias City Hall, Rio de Janeiro. I have constructed a brief history about the implementation of the Literacy Cycle in Brazil and Duque de Caxias. I reflected on the evaluation in this type of educational system and within the school where I am researching, because what motivated me in this work was to observe that there were in my school, teachers who had serial conceptions in the cycle, where they hoped to find homogeneous

groups. I tried to talk to the children of two 3rd grade classes in my school's Literacy Cycle what they say about assessment, failure / success, and how they view school. "Self-sufficiency is incompatible with dialogue" (FREIRE, 2013, p 112). With Andréa Serpa, Maria Teresa Esteban, Andréa Fetzner, Paulo Freire, others and other authors I was weaving the theory with the practice lived in daily life with the children of the popular classes. It is in the dialogue with the other that I build and rebuild as a Literacy Teacher, where the school is the dialogical space that brings new webs and possible ways. In this meeting place I propose to all to stop seeing the children of the popular classes from a look of hierarchy, impossibility and non-knowledge. May our looks produce success, not failure.

Keywords: Cycle; Literacy; Evaluation; Popular Class;

Introdução

Utilizo o início da música *Na Estrada* do grupo Cidade Negra como título porque ela traduz os caminhos da alfabetização no meu ponto de vista. Entendo que sem a conversa, sem um olhar mais atento para o cotidiano nunca saberemos o quanto uma criança já caminhou para chegar até os conhecimentos que ela possui. Cada pessoa, aluno ou professor, percorre uma estrada que o potencializa como sujeito.

Este trabalho teve como objetivo investigar os processos de implantação do Ciclo no Brasil e em Duque de Caxias, as concepções de avaliação em Duque de Caxias e na Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, localizada em Imbariê, 3º Distrito de Duque de Caxias e os percursos de sucesso e de fracasso trilhados pelas crianças do Ciclo de Alfabetização dessa escola.

Pesquisei porque o conhecimento me instiga, me seduz e me causa grande fascínio. Desde a adolescência me embrenhei no mundo dos livros e jamais sai. Tornei-me pesquisadora da minha prática porque não aceitava ver alunos sem aprender a ler. Mesmo quando me diziam: "É assim mesmo... tem criança que não aprende". Eu não concordava.

Ao longo desses 8 anos lecionando na Rede Municipal de Duque de Caxias, uma frase sempre me incomodou muito: "Esses alunos não sabem nada!", que logo depois era completada com "ele não copia do quadro" ou "ele nem sabe organizar o caderno". Geralmente eram professores do 2º ano do

ciclo que esperavam receber turmas homogêneas de alunos leitores. Essas frases sempre me soaram estranhas, porque minhas experiências me levavam a questionar: O que meu aluno já sabe? O que meu aluno ainda precisa aprender? E partindo desse pressuposto não conseguia enxergar que uma criança não soubesse nada.

Por todas as experiências que já vivi e que tenho vivido em sala de aula é que escolhi a pesquisa com/no cotidiano como metodologia. A orientação coletiva me fez compreender que “precisamos uns dos outros para entendermos de fato quem somos” (PORTO, 2002, p. 82) e que minha voz sempre estará acompanhada de outras vozes, mesmo que ocultas. Pois, na verdade, os fios que me tecem nascem a partir do diálogo com os muitos outros, alunos, colegas, professores, responsáveis de alunos, autores, que interagem comigo no meu cotidiano. Entendo, como diz Andréa Serpa¹ que “o sucesso da conversa é a entrega. É o encontro.” E que quando uma conversa realmente acontece há “uma resposta física, emocional e mental”, “um desejo de participar, um desejo de ouvir e ser ouvido”. É preciso existir confiança.

Diante das situações que estarei trazendo para a discussão, utilizei os diálogos possíveis entre os textos de Andréa Serpa e Corinta Maria Grisolia Geraldi para compreender o campo do cotidiano, pois é nele que me constituo pesquisadora do meu fazer, do meu saber fazer.

Como meu olhar está voltado para a avaliação, como avaliar e o que avaliar, sucesso e fracasso escolar irei dialogar com Maria Teresa Esteban e como venho falar do ciclo, que é o meu lugar, trago Andréa Fetzner e Jefferson Mainardes para essa conversa. Como o ciclo foi instituído no Brasil e como ele existe no Município de Duque de Caxias? Como a avaliação é pensada no contexto do ciclo de Alfabetização? Como ela é pensada pela Secretaria Municipal de Duque de Caxias e como isso reflete e dita a avaliação na escola em que trabalho? Além de Esteban e Fetzner, para essa discussão, também utilizarei a Proposta Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de

¹ No texto, Conversas: Caminhos da pesquisa *com* o cotidiano, que é parte integrante de sua Tese de Doutorado. Pág. 21 e 22

Duque de Caxias e a dissertação de mestrado da Professora Daniela de Azevedo de Santana Vieira, entre outras fontes que poderão dar mais clareza à pesquisa.

Paulo Freire também estará presente, pois é impossível não ser atravessada por suas reflexões, visto que o autor traz uma visão transformadora das práticas educativas e de seus educadores que tem a ver com uma forma de pensar a educação brasileira a partir das experiências de cada sujeito que compõe a escola.

O ciclo é visto como a possibilidade de concretização de uma escola democrática que não seleciona e nem exclui. Porque “a seriação com conteúdos preestabelecidos série a série funcionam muito mais como um limitador para o conhecimento do que para contribuir com a aprendizagem” (FETZNER, 2001, p. 45).

1 – O Ciclo de Alfabetização em Duque de Caxias

Em 1989, iniciaram-se as discussões sobre o Ciclo de Alfabetização pela Secretaria Municipal de Duque de Caxias, pensadas a partir dos altos índices de evasão e reprovação nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente, o Ensino Fundamental na Rede Municipal de Duque de Caxias, continua organizado em ciclo e séries (do 4º ao 9º ano). A extensão dos ciclos para o restante do Ensino Fundamental não aconteceu.

De acordo com o exposto na proposta pedagógica que foi elaborada coletivamente por professoras, orientadoras e Secretaria de Educação, a avaliação nas escolas de Duque de Caxias não pode ser vista como ação punitiva, normalizante, homogeneizante, excludente e hierarquizante, mas como instrumento para compreender o processo e auxiliar os educandos na continuidade e progresso de seus saberes, superando, assim, seus não-saberes.

O erro deve ser visto pela professora como uma pista que aponta o que a criança já sabe, o que ela ainda precisa saber e o que consegue fazer com ajuda, assim, pode-se intervir de modo que haja a construção de novos

conhecimentos. Nesse ponto, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal desenvolvido por Vigotski (1988) colabora para a ampliação do entendimento sobre o processo de avaliação.

2 – As pistas que as crianças dão

Os sujeitos da minha pesquisa foram os alunos das duas turmas de 3º ano, de 2018, da Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, localizada no 3º Distrito de Duque de Caxias, bairro Imbariê. Escolhi essas turmas por estarem concluindo o ciclo de alfabetização e por apresentarem histórias bastante diferentes em relação ao percurso que trilharam.

A turma 301, possui 25 alunos, que vem estudando juntos desde o 1º ano com poucas alterações de alunos novos e a mesma professora. As crianças tem entre 9 e 10 anos nesta turma. A turma 301 possui, em sua maioria, alunos alfabéticos e leitores, são participativos e interessados. Alguns alunos são bastante faltosos. Apenas três ainda se encontram utilizando a hipótese silábica com valor sonoro em vogais.

A turma 302, tem 22 alunos, e é formada em sua maioria por alunos que já ficaram retidos no 3º ano uma ou mais vezes. Em razão, disso, com exceção de alguns, os alunos se encontram na faixa etária a partir dos 10 anos, tendo o mais velho a idade de 15 anos. É uma turma interessada e participativa, geralmente realizando as atividades com atenção e envolvimento. Dos quinze alunos da turma que encontram-se alfabetizados, nove alunos ainda demonstram dificuldade na leitura e escrita, como a utilização de segmentações ou juntas irregulares. No grupo que ainda encontra-se em processo de alfabetização, dois alunos já conseguiram avançar em comparação com o início do ano letivo e quatro ainda possuem muita dificuldade de aprender as letras e fazer a correspondência fonema-grafema. Mas de um modo geral, a turma apresentou avanços.

Ao longo da pesquisa utilizei três livros de histórias infantis para puxar as conversas com as crianças. Foram eles: *A Escola do Marcelo da Ruth Rocha*

(Salamandra, 2001), onde o personagem Marcelo, um menino que está na 1ª série, apresenta sua escola e as atividades que vivencia nela, *Tudo bem cometer erros* de Todd Parr (Panda Books, 2015), em que o autor descreve algumas situações em que as crianças cometem erros, concluindo que não há problemas em errar, pois, afinal, os adultos também erram, e *Por que eu vou para a escola?* De Oscar Brenifier com tradução de Josca Ailine Baroukh (Panda Books, 2012), que traz a história de Felipe, um garotinho muito curioso, em seu primeiro dia na escola.

As Rodas de conversa aconteceram entre os meses de junho e agosto de 2018 e todas foram filmadas. Em ambas as turmas comecei a Roda contando para as crianças porque eu estava ali e se eles aceitavam conversar comigo. Expliquei que tudo seria gravado e perguntei se eles permitiam. Um menino me perguntou se eu iria postar no Facebook. Eu respondi que não. Ele me respondeu que tudo bem então.

As crianças nos dão diversas pistas dos caminhos que deveríamos percorrer para que elas se alfabetizem, mas muitas vezes a escuta de nós, professoras e professores da alfabetização, não é atenta o suficiente para traduzir e compreender suas falas. Traduzir sim, porque as crianças falam a língua da possibilidade. Língua essa que adulto não entende. Nós falamos a linguagem da impossibilidade. A linguagem das ausências e dos não-saberes.

Nossos olhos, cansados e acostumados a olhar o que a criança não tem, não enxergam o que ela nos apresenta. Não vê o que ela nos sinaliza. Muitas vezes, só percebemos e nos atemos ao que o aluno ainda não aprendeu, à família que não é presente, ao dever de casa que veio sem ser feito, ao lápis que não voltou na mochila, ao caderno que veio manchado ou com orelha e a tantos outros “problemas” que surgem diante de nós. Mas as crianças nos dizem: “Eu fico com pressa de vir para a escola”. (Miguel – 302); “Fazer dever é legal e divertido”. (Eduardo – 302); “A escola serve para aprender a ler e ficar mais esperto”. (Kauane – 302); “Eu gosto muito da escola porque eu faço muitas coisas”. (Pietro – 301).

Ouvir e respeitar as vozes dessas crianças é fundamental para compreender os saberes que elas já estruturaram. “Cada criança incorporada como sujeito de conhecimento está inteira na dinâmica escolar e oferece informações significativas para que sua produção se compreenda como experiência de vida marcada por sua inserção social e cultural” (ESTEBAN, 2008, p. 47). As crianças das turmas 301 e 302 demonstram, através de suas falas, que a escola é um lugar de potência.

Através das respostas dos alunos podemos compreender qual é o combustível que pode mover o trabalho pedagógico. É o passeio, a escrita criadora, a leitura por prazer... São inúmeras possibilidades se lhes tiramos do papel de subalternos, do lugar de meros receptores do conhecimento e lhes potencializamos colocando-os como co-atores desse processo.

A escola ciclada permite ao professor desenvolver projetos que estejam de acordo com os interesses da turma. Dialogar e ouvir os alunos contribui para dinamizar o processo de *ensinoaprendizagem* permitindo a substituição da negação pela prática da negociação, rompendo com a dicotomia e com a fragmentação que existe na escola seriada.

Considerações Finais

A organização da escola em Ciclos permite a realização de atividades que são enriquecedoras, que estimulam a reflexão sobre a realidade e o exercício da democracia. Permite a troca entre os alunos, dando autonomia aos sujeitos e significação ao que está sendo desenvolvido. O diálogo é o foco do processo *ensinoaprendizagem* rompendo com atividades que estão baseadas apenas na memorização e que nada tem relação com as experiências de vida dos educandos.

O fracasso da escola organizada em ciclos e a conseqüente produção da retenção escolar estão diretamente ligadas à falta de investimento público para a obtenção de uma escola pública e gratuita democrática e de qualidade, pois limita a oferta de grupos de estudos e de discussão que favoreçam a

formação dos docentes, assim como restringe os subsídios para o/a professor/a trabalhar.

Referências

BRENIFIER, Oscar. **Por que eu vou para a escola?** São Paulo: Panda Books, 2012.

DUQUE DE CAXIAS (RJ). Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Pedagógica: Pressupostos Teórico-Filosóficos, Volume 1.** Duque de Caxias, RJ: 2002.

DUQUE DE CAXIAS (RJ). Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Pedagógica, Volume 2.** Duque de Caxias, RJ: 2006.

ESTEBAN, Maria Teresa. Avaliação numa perspectiva emancipatória: desafio cotidiano às práticas escolares. In.: GARCIA, Regina Leite & ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FETZNER, Andréa. **Ciclos de Formação: Uma Proposta Transformadora.** Porto Alegre: Mediação, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática de Liberdade.** 13ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **A Importância do Ato de Ler em Três Artigos que se Completam.** 1985

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 54ª Ed. Revista e Atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia. Desafios da pesquisa no cotidiano da/na escola. In.: GARCIA, Regina Leite & ZACCUR, Edwiges (orgs.). **Cotidiano e diferentes saberes.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAINARDES, Jefferson. **Escola em ciclos: fundamentos e debates.** São Paulo: Cortez, 2009.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Professora-pesquisadora no tecido escolar. In: ESTEBAN, Maria Teresa & ZACCUR, Edwiges (Orgs). **Professora Pesquisadora: Uma Práxis em Construção.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO da Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz. Duque de Caxias, 2018.

ROCHA, Ruth. **A Escola do Marcelo**. São Paulo: Salamandra, 2001.

SERPA, Andréa. **Quem são os outros na/da Avaliação?** Tese de Doutorado, UFF, 2010.

_____. Pesquisa com o cotidiano: desafios e perspectivas. In: LINHARES, Célia, GARCIA, Regina Leite & CORRÊA, Carlos Humberto (orgs.) **Cotidiano e formação de professores**. Brasília: Liber Livro, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2011.

_____. **Conversas: Caminhos da Pesquisa com o Cotidiano**. Extraído do Site: andreaserpauff.com.br em 27/05/2018.

VIEIRA, Daniela Azevedo de Santana. **Relatórios Descritivos do Ciclo de Alfabetização da Rede Municipal de Duque de Caxias: O que eles registram?** Dissertação de Mestrado em Educação. UNIRIO: Rio de Janeiro, 2016.